

2

No fogo e na água: A dinâmica e a complexidade do campo¹ evangélico no Brasil

“Se me perguntarem: ‘são os pentecostais evangélicos?’ eu responderia ‘distingo’.”
Mendonça (2006: 99).

O fantástico crescimento das igrejas evangélicas, principalmente as pentecostais, tem chamado muita atenção nas arenas do debate político e acadêmico brasileiro. Por qualquer ângulo que se escolha esse crescimento se evidencia: quantidade de fiéis e de templos; presença nos e propriedade de meios de comunicação e a crescente audiência e tiragens destes; participação política, tanto como eleitores, mas, sobretudo, como eleitos. Qualquer indicador escolhido referenda a percepção do pentecostalismo, em particular das suas novas tendências, referidas costumeiramente na literatura como neopentecostais (Mariano, 1999), como o movimento religioso que mais cresce no país.

O crescimento das igrejas pentecostais no Brasil é um fenômeno que remonta às primeiras décadas do séc. XX, quando as primeiras denominações chegaram ao país.² A essa primeira onda³ de expansão denomina-se

¹ Bourdieu (1996). Segundo o autor para compreender as diferentes áreas da produção cultural não se deve ater ao seu processo interno de evolução, “como uma espécie de partenogênese” (Bourdieu, 2003: 20) pela qual cada área engendra a si própria, cada autor, cada idéia, cada técnica remetidos aos seus precursores logicamente identificáveis. Por outro lado, não se deve ater tampouco ao contexto social, econômico, político em que os produtores em questão estão inseridos. A rejeição de ambas as interpretações engendra a interpretação do autor segundo a qual a produção cultural se realiza num universo que “é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas.” (Bourdieu, 2003: 20) A esse universo intermediário o autor denomina *campo*. Embora atento às origens da noção de campo utiliza-a no que se segue inspirado pelo uso que dela fazem, por exemplo, Mariano (1999: 23), Silva (2007), Mendonça (2006) e Morais (2010).

² Em 1910 estabeleceu-se em São Paulo a Congregação Cristã do Brasil, uma dissidência da Igreja Batista. Em 1911 a Assembléia de Deus, dissidência da Igreja Presbiteriana, estabeleceu-se no Pará. Tratou-se de repercussão quase imediata no Brasil, através do trabalho missionário de recém-batizados, de um fenômeno americano que reforçou a tendência histórica do protestantismo a segmentação e que tem origem na primeira década do séc. XX baseado na “crença de que o mesmo fenômeno ocorrido com os apóstolos no dia de Pentecostes – o “batismo de fogo” – poderia se repetir entre os fiéis, abrindo-lhes a possibilidade do desenvolvimento de dons carismáticos como cura, profecia, glossolalia e libertação, entre outros.” (Machado, 1996: 45). O termo pentecostalismo viria a ser utilizado mais tarde para identificar uma série de denominações que apresentam práticas rituais e propostas teológicas bastante diferentes entre si.

pentecostalismo clássico. (Mariano, *id. ibid.*). Destaca-se como característica das igrejas dessa onda uma opção pela manutenção de códigos rígidos de conduta, cuja observância seria o único meio de alcançar as graças do Espírito. Conseqüentemente primavam pela separação da congregação do mundo e apresentavam proselitismo pouco intenso mais operante através do contato interpessoal, em alguns casos, com a proibição da utilização de veículos de comunicação. Do ponto de vista litúrgico/teológico privilegiavam a demonstração dos dons do Espírito como a glossolalia. Apresentaram crescimento lento da sua base de fiéis, expandindo-se prioritariamente entre as camadas mais pobres da população.

A expansão acelerada do pentecostalismo iniciou-se entre as décadas de 50 e 60⁴ quando uma nova leva de denominações aporta no país, oriundas, principalmente, dos EUA. Nesse processo, o pentecostalismo entre nós começa a romper os limites dos segmentos populares, de onde surgiram nos EUA e onde proliferaram entre nós nas primeiras décadas, para angariar cada vez mais fiéis nos segmentos médios, tanto das igrejas protestantes históricas quanto fiéis da tradição católica.⁵ Já a partir do final da década de 70, destaca-se uma nova onda de crescimento do pentecostalismo brasileiro, denominada por Mariano de neopentecostalismo, caracterizada pela diminuição da ênfase nos códigos de conduta e conseqüente aproximação da comunidade dos fiéis do mundo e pela ênfase na Teologia da Prosperidade e na dicotomia entre o bem e o mal, este último representado pela figura do demônio, responsável último por todos os males na vida concreta das pessoas.

No último período entre Censos, entre 91 e 2000, as igrejas neopentecostais apresentaram crescimento de quase 5% ao ano. Tal taxa é muito

³ A metáfora das ondas foi desenvolvida por David Martin para descrever a história do mundial Protestantismo. Teria havido três ondas protestantes: puritana, metodista e pentecostal. Paul Freston foi o primeiro a utilizar a mesma metáfora para descrever o pentecostalismo no Brasil. Teria havido, igualmente, três ondas, uma no início do século, outra nos anos 50 e 60 e a terceira nos anos 70 e 80. Ricardo Mariano (Mariano, 1999) apresenta uma consolidação crítica, ciente da parcialidade inerente a tal iniciativa, das diferentes taxonomias produzidas sobre o fenômeno, com especial atenção à história institucional das diversas denominações.

⁴ Nessa época as principais denominações clássicas já estavam presentes em todo o território nacional.

⁵ Essa é a segunda onda da expansão pentecostal no Brasil. A esse movimento Mariano denomina deutopentecostalismo. Sua ênfase é descrita pelo investimento nos meios de comunicação de massa e nos processos de cura, por oposição às denominações da primeira onda.

superior ao crescimento vegetativo da população no mesmo período, em média 1,6% ao ano. Nenhuma outra denominação religiosa apresenta crescimento tão pujante no mesmo período. Apenas as evangélicas tradicionais e os sem religião apresentam crescimento superior ao da população, respectivamente, 2,01% e 2,55%.⁶

Uma característica desse movimento os torna ainda mais visíveis, e quiçá, pelo menos do ponto de vista das demais Igrejas, mais ameaçadores: o proselitismo.⁷ A destacada importância que a evangelização toma em algumas denominações reveste a prática pessoal de seus fiéis de um sentido de missão que os torna particularmente visíveis.⁸

No que talvez se trate de uma mesma tendência, deve-se destacar, ainda, no campo religioso brasileiro o crescimento dos movimentos de renovação entre as igrejas tradicionais⁹: os carismáticos na Igreja Católica, os wesleyanos na Igreja Metodista, os renovados na Igreja Batista, entre outros. A proximidade desses movimentos com o pentecostalismo, sobretudo pela valorização dos carismas do Espírito Santo, é uma importante tendência do período recente e remete a algo maior que apenas à expansão do pentecostalismo.¹⁰

Associa-se a tal panorama o aumento do trânsito religioso, ou seja, o aumento do contingente populacional que migra de uma denominação religiosa para a outra, e que as estatísticas têm dificuldade de mapear. Segundo dados de

⁶ Desses dados depreende-se que as igrejas neopentecostais crescem majoritariamente pela conversão de fiéis que pertenciam a outras religiões principalmente da igreja católica que ainda tem a maioria dos fiéis, mais de 70% em 2000, mas teve a maior queda registrada no período, -9,2%. (Waniez *et alli*, 2002).

⁷ A exemplo das vertentes do protestantismo do qual surgiu. A ênfase no proselitismo varia, como seria de esperar, de acordo com a denominação específica.

⁸ Segundo a literatura, em particular Araújo (s/d), pode-se verificar uma alteração na estratégia de apropriação espacial das denominações pentecostais. De um início concentrado em áreas de baixa renda da periferia passou a ocupar espaços centrais das áreas de maior trânsito de pessoas nas grandes cidades brasileiras, o que aumentou muito sua visibilidade. Tal fenômeno tem paralelo tanto na sua exposição na mídia quanto em pregações de rua.

⁹ Que podem ou não resultar em cisões e cismas. O uso da expressão “igrejas tradicionais” que aqui se empreende refere-se àquelas denominações cristãs cujo surgimento antecede ao pentecostalismo.

¹⁰ Distinguir as diferentes denominações entre renovadas e pentecostais, e mesmo entre as diferentes ondas pentecostais, é um empreendimento envolto em grande dificuldade e polêmica. Veja-se, por exemplo, o artigo de Mendonça (2006). Veja, ainda, Fernandes *et alli* (1998) e Mariano (1999). Veja, também, Moraes (2010) que oferece uma oposição à classificação elaborada por Ricardo Mariano. Retornarei a este ponto, nos capítulos 2 e 3 quando discutir a identidade evangélica dos fiéis da Igreja do Nazareno em Ricardo de Albuquerque.

pesquisa do Ministério da Saúde em 1998, 26% da população havia mudado¹¹ de religião. (Almeida e Montero, 2001: pág. 1).

Toda igreja tem categorias para lidar com o outro, o não fiel, e o ingresso numa delas estrutura-se como um rito de instituição.¹² Os relatos dos fiéis sobre seu ingresso numa nova igreja tendem a ser construídos a partir dessas categorias valorizando positivamente a vida após o ingresso em relação às histórias da sua vida pregressa. As representações coletivas, os conceitos, os símbolos, são produtos da sociedade, da colaboração entre os muitos indivíduos que dela fazem ou fizeram parte. Apoiado por tais conceitos, o indivíduo pode ultrapassar as particularidades da sua própria experiência. É essa superação que parece emergir de tais relatos.¹³

Há, portanto, uma dimensão identitária envolvida na mudança religiosa. Como os indivíduos articulam suas experiências, seus motivos e explicações, assim como os rituais organizados para esse fim, podem ser mapeados para descrever, ao menos em parte, o *ethos* de tal comunidade. Ao definirem-se os caminhos para se tornar um fiel a comunidade define-se a si mesma, concomitantemente.

Esta dissertação estrutura-se, pois, para analisar os relatos de mudança religiosa produzidos pelos fiéis da Igreja do Nazareno em Ricardo de

¹¹ A pesquisa “Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções do HIV/Aids”, foi realizada em todo o Brasil em 1998 pela área de População e Sociedade do Cebrap para o Ministério da Saúde. Um questionário de 204 perguntas foi aplicado numa amostra de 3600 indivíduos entre 16 a 65 anos, moradores das áreas urbanas de 169 micro-regiões do Brasil. No questionário do survey foram incluídas 7 perguntas destinadas a abordar a influência das diferentes religiões sobre o comportamento sexual. O artigo citado se articula a partir de duas delas, a saber: “Qual a sua religião atual?” e “Em qual você foi criado?”. Apesar da limitação de não captar possíveis mudanças intermediárias, permite cotejar, numa escala nacional, a intensa mobilidade das pessoas pelas diferentes religiões.

¹² Bourdieu (2008).

¹³ “Não deve isso a uma virtude misteriosa qualquer, mas simplesmente ao fato de que, segundo uma fórmula conhecida, o homem é duplo. Há dois seres nele: um ser individual, que tem por base o organismo e cujo círculo de ação se acha, por isso mesmo, estreitamente limitado, e um ser social, que representa em nós a mais elevada realidade, na ordem intelectual e moral, que podemos conhecer pela observação, quero dizer, a sociedade. Essa dualidade da nossa natureza tem por consequência, na ordem prática, a *irreducibilidade do ideal moral ao móbil utilitário*, e, na ordem do pensamento, a irreducibilidade da razão à experiência individual. Na medida em que participa da sociedade, o indivíduo naturalmente ultrapassa a si mesmo, seja quando pensa, *seja quando age*.” Durkheim (2003: XXIII e XXIV).

Albuquerque.¹⁴ No que se segue, apresenta-se, no capítulo 1, o marco teórico que será mobilizado para analisar os relatos colhidos junto aos fiéis sobre suas mudanças religiosas. Em seguida, no capítulo 2, apresentam-se os resultados mais quantitativos do questionário. Por fim, no capítulo 3, procurar-se-á interpelar os relatos colhidos sobre as mudanças religiosas de forma mais qualitativa. O que tais mudanças acionam? E que tipos de mudança estão em jogo? Em que medida a mudança religiosa representa identificação, ainda que parcial ou mesmo aditiva, substancialmente nova. Haveria outras instâncias, religiosas ou não, sendo acionadas pelas subjetividades para alicerçar seus vínculos identitários? Haveria um ou mais sentidos prioritários no trânsito religioso que os fiéis empreenderam?

¹⁴ Congregação à qual fui apresentado pela minha ex-faxineira e uma das minhas principais interlocutoras, Núbia, conforme relato na seção “Apresentação” acima.